



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"



Análise da cobertura do Jornal da Cidade (JC) de Bauru: Construção e desconstrução da identidade cultural do negro e as Relações Públicas nas sociedades multiculturais

Maria Eduarda Gomes Silva (Campus de Bauru, FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, graduanda no curso de Comunicação social - Reações Públicas, Bolsista da Fapesp, e-mail: eduardagomesrp@gmail.com), Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier (Campus de Bauru, FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, professor no curso de Comunicação social - Jornalismo, e-mail: jxavier@faac.unesp.br)

Eixo 1 - "Direitos, Responsabilidades e Expressões para o Exercício da Cidadania"

Resumo

O discurso do multiculturalismo veiculado nos meios de comunicação é complexo e contraditório. Pesquisas revelam que a mídia hegemônica não valoriza e não respeita a diversidade cultural, criando e reproduzindo discursos segregadores e racistas.

O Brasil possui um largo histórico em relação ao racismo que se fundamenta a partir da disseminação do racismo ou racismo científico no século XIX. O preconceito velado existe e se fortalece nos discursos sociais reproduzidos nas diversas instituições, como nas famílias, nas escolas e nos meios de comunicação. O racismo midiático estampado nos jornais revela a construção de um discurso simbólico negativo em torno da figura do negro e a estigmatização dos afrodescendentes impede a real compreensão e valorização do multiculturalismo na sociedade brasileira.

A presente pesquisa se propõe a realizar uma análise crítica da cobertura jornalística do Jornal da Cidade (JC) de Bauru a respeito do negro e de seu universo. O conhecimento da construção midiática da imagem do afrodescendente contribui para a aplicação das Relações Públicas que consideram e valorizam o multiculturalismo em suas ações de comunicação.

Palavras Chave: *Racismo, Mídia, Multiculturalismo.*

Abstract:

The multiculturalism discourse released in the media is complex and contradictory. Research shows that mainstream media neither value and respect the cultural diversity, creating and reproducing segregation and racist dialogue.

Brazil has a huge history of racism that is based on the spread of racialism or scientific racism in the nineteenth century. The veiled preconception exists and strengthens a social discourse propagated in various institutions, as in families, schools and media. The textual publishing of racism in newspapers reveals the construction of a negative symbolic discourse around the character of black people and this stigmatization of African descent prevents real understanding and appreciation of multiculturalism in Brazilian society.

The current research aims to make a critical analysis regards the "Jornal da Cidade (JC)" coverage towards black people and its environment. Knowledge about the mediatic construction towards the afro-descendant image contribute to the implementation of Public Relations which consider and value multiculturalism in their communication actions.

Keywords: *Racism, Media, Multiculturalism.*

Introdução

A globalização diminuiu as fronteiras mundiais e aumentou o contato entre diferentes culturas. As implicações do multiculturalismo no mundo atual são complexas e identificar a diversidade em uma dimensão unificadora, e não separatista, é um desafio. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO (2012)

declarou a importância do diálogo intercultural como potencializador da riqueza da diversidade cultural para as nações. Na declaração, a organização reconhece que as tensões interculturais carregam marcas de conflitos históricos e que o diálogo é a base para a resolução de tais atritos políticos e também pode ser o início de uma reunificação nacional calcada na diversidade.



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"



Considerando a riqueza da diversidade cultural e da criatividade humana, as pesquisas do Núcleo de Estudos e Observação em Economia Criativa (NeoCriativa) trabalham com quatro vertentes da economia criativa: patrimônio histórico e cultural, mídias, artes e inovações técnicas funcionais. A presente pesquisa se baseia no vetor das mídias e do patrimônio histórico e cultural que reconhecem a diversidade cultural do Brasil. O debate a respeito do multiculturalismo e de suas implicações na sociedade é a linha central deste estudo sobre o posicionamento da mídia impressa diante da compreensão do pluralismo cultural.

Nação, raça e classe são elementos identitários que constituem a estrutura teórica do multiculturalismo e a mídia é espaço em que estes elementos se encontram para construir o debate multicultural em diferentes contextos (Cogo, 2001). Em uma sociedade multicultural o diálogo entre as diferentes culturas é chamado diálogo intercultural e segundo Velázquez (2001) a interculturalidade está diretamente relacionada a questão da identidade, de como um indivíduo reconhece, respeita ou ignora a cultura do outro. A construção simbólica dos indivíduos sobre os outros é veiculada e legitimada pelos meios de comunicação e de acordo com a autora os gêneros informativos e opinativos contribuem e estabelecem as correntes de opinião pública. A pesquisadora espanhola concluiu em suas análises que a imprensa da União Europeia constrói o discurso da diferença com base no discurso do medo e da desconfiança ao supervalorizar em suas editoriais os aspectos de conflito entre diferentes culturas e ressaltou a importância das pesquisas na área para "construir imaginários simbólicos que contribuam para uma cultura de respeito a diversidade e as identidades" (Velázquez, 2001, p. 57).

Segundo Sodré (1998) os meios de comunicação reproduzem os discursos racistas estruturados pela elite e contribuem, dessa forma, com a afirmação e a naturalização de uma identidade pejorativa do negro. O autor caracteriza o racismo midiático a partir de quatro elementos: o da negação do próprio racismo, do recalque dos aspectos positivos de origem negra, da estigmatização que inferioriza o negro e da indiferença profissional que reduz o contingente de negros atuantes nos meios de comunicação.

A mídia faz parte do conjunto de aparelhos ideológicos do Estado, como explica Stuart Hall (2003) ao analisar a contribuição dos pensamentos de Althusser para a redefinição do conceito de ideologia. O autor apresenta a ideologia como uma prática de reprodução das relações sociais através dos aparelhos ideológicos, sendo estes a igreja, a

família, as organizações sindicais, a mídia e as demais instituições que reproduzem a ideologia do Estado mas não são diretamente controladas por este. No regime capitalista liberal a ideologia das classes dominantes é predominantemente reproduzida nos discursos sociais. O autor comenta que a reprodução dessa ideologia se dá por meio da linguagem e dos comportamentos, sendo estes a materialização do discurso ideológico, e que os sistemas de representação são os sistemas de significado que os indivíduos constroem para figurar o mundo para si e para os outros.

Esta classificação do mundo em torno das representações e significados cria o "pensamento social" e o "senso comum" (Hall, 2003, p. 177). A complexidade dessa estrutura ideológica e materialista não é estática e a articulação dos discursos dominantes está sujeita a transformações. O autor conta como sua própria identidade foi questionada em países diferentes por conta dos distintos mecanismos de classificação e reprodução social.

No caso do Brasil e dos meios de comunicação que fazem parte do aparato de construção ideológico nota-se um discurso prevalente no que diz respeito as categorias de raça, cor e etnia. Ao analisar as notícias veiculadas nos principais jornais brasileiros no final do século XIX, Schwarcz (1987) constatou que a construção do discurso em relação ao negro feita pelos brancos detentores da produção midiática era também a limitação da identidade dos próprios emissores. No período de formação do Novo Estado republicano os jornais tinham grande importância na veiculação dos novos ideais da época e no suporte das teorias raciais para enraizar os discursos de superioridade dos brancos em relação aos negros. As análises feitas pela autora decorrem desde o período da escravidão até o pós-abolicionista e percebe-se uma mudança na representação do negro nas notícias. A figura do negro passa de escravo a "estrangeiro não desejável" e posteriormente, no início do século XX, ocorre uma diluição da questão racial nas páginas dos jornais. Acompanhando as transformações históricas e sociais, os jornais estampam a harmonização da cultura brasileira e o antigo discurso em relação a figura do negro já não é mais evidente. Contudo, a autora reforça a ideia de que até os dias atuais os preconceitos em relação ao negro estão implícitos nas páginas dos jornais e arraigados no aparato ideológico.

Historicamente, o racismo se fundou e se estabeleceu na sociedade brasileira. O sofisticado sistema de exclusão é considerado um "crime perfeito" (MUNANGA, 2012) e os negros são vítimas de um racismo velado que se esconde nos



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"



discursos sociais e nas páginas dos jornais, provocando profundas desigualdades sociais e inibindo o reconhecimento da multirracialidade e da contribuição do multiculturalismo.

Segundo Ramos (2007) a mídia é um espaço de reprodução dos mecanismos de exclusão racial que contribui para a manutenção do racismo. A autora também afirma que essa mesma mídia possui papel importante no debate para a superação dos preconceitos raciais. Porém, ao não pautar as notícias, crimes e atrocidades contra a população negra no Brasil a mídia se ausenta e não supera o preconceito pois o retroalimenta. "A invisibilidade é um dos maiores instrumentos para perpetuar o preconceito e o racismo no nosso país" pontua Benedita da Silva (2007, p. 23). O sistema se mantém pois os estereótipos e a objetificação do negro continuam sendo reforçados nas telenovelas (ARAÚJO, 2008) e nos jornais (CONCEIÇÃO, 2005) e refletidos na organizações, nos espaços públicos e na sociedade em geral.

Objetivos

Tendo em vista a importância e as contribuições do multiculturalismo na sociedade brasileira a presente pesquisa abordará a questão central do negro e de como ele é retratado nas notícias do Jornal da Cidade (JC) e os seus reflexos e implicações no campo das Relações Públicas. A análise midiática tem como objetivo geral entender como é feita a construção e desconstrução da identidade cultural do negro e como a compreensão desse cenário colabora para um planejamento plural de Relações Públicas, voltado para os diversos públicos que interagem com as organizações.

Fomentar o debate sobre o racismo e da questão racial na universidade e nos grupos culturais da cidade também é um dos objetivos da pesquisa. A presença do negro nas universidades é essencial para a discussão de um projeto político de inclusão e de reconhecimento da diversidade étnica e cultural brasileira. A aproximação com o NUPE (Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão) é importante para que se fortaleça os constantes debates e pesquisas acerca do tema em questão.

É objetivo específico desta pesquisa estudar as diversas implicações do multiculturalismo na sociedade atual e compreender como os profissionais da área de Relações Públicas devem assegurar os interesses públicos e como as interrelações devem ser estabelecidas "para e com os diversos públicos" que interagem dentro e fora das organizações.

Além disso, o levantamento de dados possibilitará uma discussão a respeito da abordagem do negro

nos jornais e da idealização de uma política editorial mais inclusiva e plural.

A pesquisa também pretende contribuir nas discussões a respeito de políticas públicas de ação afirmativa no país e na sua adoção nas universidades públicas.

Material e Métodos

Para a conceituação teórica será utilizado o material bibliográfico composto por livros, artigos e conteúdos da internet.

A amostragem da pesquisa serão as edições impressas do Jornal da Cidade e do jornal Folha de São Paulo, uma referência de âmbito nacional para a análise comparativa. As edições compreendem o período de uma semana a partir de três acontecimentos pré-estabelecidos: O homicídio do jovem Michael Brown nos Estados Unidos, que acirrou as tensões raciais no país, a publicação da edição de 2015 do Mapa da Violência, que revela a situação atual de genocídio dos jovens negros no Brasil, e o lançamento oficial da Década Internacional de Afrodescendentes pela Assembleia Geral da ONU com o tema "reconhecimento, justiça e desenvolvimento". No total são 42 edições que passarão pelo processo de garimpagem de matérias do tipo soft (colunas, análises, opinião) e hard (notas, entrevistas, reportagens) News.

O método usado será de análise de conteúdo das matérias selecionadas. A pesquisa quantitativa compreende a primeira etapa do método. Será feito um levantamento de quantas matéria relacionadas aos três acontecimentos foram publicadas e quantas unidades informativas elas compreendem. Posteriormente, será realizada uma análise qualitativa de como é feita a abordagem das representações identitárias e culturais dos afrodescendentes.

Ao longo da pesquisa serão realizadas entrevistas com os jornalistas e responsáveis pelas definições editoriais do Jornal da Cidade, com os agentes sociais do movimento negro de Bauru e com pesquisadores e profissionais da área de estudos de cultura, identidade e comunicação social.

Para compreender os reflexos das análises no campo das Relações Públicas, serão realizadas entrevistas com acadêmicos, profissionais e trabalhadores tendo em vista a redação do Jornal da Cidade como a organização central da pesquisa.

Resultados e Discussão

A pesquisa foi recentemente aprovada pela Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp e terá duração de sete meses,



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

PROEX
PROGrama de Extensão Universitária

tendo início no mês de agosto e fim em fevereiro de 2016.

Até o presente momento foram realizados levantamentos bibliográficos para uma documentação sobre o histórico das teorias racistas no Brasil e de seus desdobramentos e um artigo a respeito do genocídio dos jovens negros pautados na mídia hegemônica e contra hegemônica.

A documentação foi feita em três partes que compreendem a difusão das teorias racistas europeias no Brasil no século XIX, o novo pensamento em torno da figura do mestiço e da harmonia racial na década de 1930 e as pesquisas da Unesco em 1950 que desconstruíram o mito da democracia racial e desmascararam o preconceito velado existente no país.

As teorias raciais importadas da Europa no século XIX influenciaram diretamente na construção do imaginário sobre negro brasileiro. Apesar de sofrerem algumas modificações interpretativas o caráter preconceituoso de tais teorias permaneceu imutável.

O estudo de Shwarcz (1993) apresenta um histórico da apropriação brasileira das teorias europeias entre os anos de 1870 e 1930. Nos museus etnográficos, institutos históricos, faculdades de direito e de medicina os pesquisadores importaram as teorias raciais adequando-as ao cenário brasileiro. Estas escolas e instituições foram responsáveis pelos projetos de "branqueamento" do país, pelas políticas de caráter eugênico e por publicações de caráter classista que se fundamentavam na raça para a construção de uma história brasileira contraditoriamente caucasiana e europeia.

Em 1930 o discurso antes pautado na ideia central de "raça" toma um novo caminho em direção ao paradigma da questão cultural e não mais biológica, embora ainda calcado em raízes preconceituosas.

O racismo científico estava, até então, instaurado nas instituições brasileiras e se sustentava a partir de diferentes teorias estrangeira e nacionais. Em 1933 Gilberto Freyre publica o livro *Casa Grande & Senzala*, provocando mudanças teóricas no que diz respeito a questão racial. De acordo com Strieder (2001) Gilberto Freyre constatou que a junção das três raças formadoras do país, africana, indígena e portuguesa, deu origem ao mestiço, a um país que não é nem de brancos nem de negros, mas sim de uma "nova raça" mestiça. Porém, o otimismo da obra de Freyre foi posteriormente criticado pelo fato de considerar que a formação racial brasileira foi pacífica, que o encontro dos negros, brancos e indígenas foi uma espécie de "carneval social e biológico", como coloca Damatta (1986).

Os desdobramentos do pensamento de Freyre influenciaram outros pesquisadores e fundamentaram o imaginário brasileiro de integração racial. Contudo, Na década de 1950 o Projeto Unesco inicia no Brasil uma série de pesquisas com o objetivo de analisar o cenário das relações raciais, propagado no exterior através da representação otimista lançada por Gilberto Freyre. Contrariando as expectativas da Unesco as pesquisas apontaram a existência do preconceito racial atrelado a estratificação social. Florestan Fernandes (2007) identificou no sistema escravocrata e na abolição altruísta forjada a herança dos dilemas raciais e sociais contemporâneos. Os estudos do sociólogo contribuíram ainda para o entendimento do preconceito existente no país. Bastide; Florestan (1955) explicam que o preconceito no Brasil é velado pois fundamentou-se no país o chamado "preconceito de ter preconceito". Mais tarde, o Datafolha (1995) lançaria uma pesquisa que comprovava o preconceito mascarado dos brasileiros. O mapeamento do racismo no país foi inédito e apresentou resultados que compravam a existência do racismo de forma velada no país.



Figura 1. Pesquisa sobre racismo. Fonte: Datafolha

A construção histórica do imaginário social do negro, influenciada pelo racismo científico e pelo mito da democracia racial, produziu estereótipos e arquétipos que perduram e se fortalecem no discurso das elites dominantes. Apesar das transformações históricas, políticas e sociais a figuração do negro calcada na escravidão e na posição de subalterno persiste até os dias atuais e é constantemente reproduzida, porém velada.

Tendo como base a documentação histórica do racismo no país, realizamos um pré-estudo de análise midiática para observar e analisar como é feita a cobertura jornalística hegemônica e não-hegemônica em relação a violência contra o jovem negro e a denúncia do genocídio da juventude negra no Brasil.



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

PROEX
PROGrama de Extensão Universitária

Considerando as definições de mídia hegemônica e contra hegemônica de Gramsci no estudo de Moraes (2010) escolhemos os portais de notícias online Folha de S. Paulo e Estadão e Portal Geledés para realizar a análise. A escolha desses três portais se justifica pelo fato de que a Folha de S. Paulo e o Estadão, veículo midiáticos hegemônicos, são os dois jornais de maior circulação paga no Estado de São Paulo (ANJ, 2013) e o Portal Geledés, portal de notícias não hegemônico, por ser um site reconhecido e premiado mantido pelo Geledés - Instituto da Mulher Negra, uma organização da sociedade civil que atua contra a discriminação de raça e gênero no país. A análise midiática quantitativa e qualitativa das notícias publicadas nos três portais foi feita no período de vinte dias, desde o dia 1 de abril de 2015 até o dia 20 de abril de 2015. Durante esse período foi lançada a nova edição do Mapa da Violência, estudo que revelou as maiores vítimas de homicídio no país. O Mapa da Violência (2014) aponta que os homicídios são a principal causa de morte de jovens que compreendem a faixa etária de 15 a 29 anos no Brasil. Em 2012, 53,37% dos homicídios no Brasil eram de jovens e destes, 77% eram negros e 93,3% eram homens. O mapa revela um aumento significativo no número de homicídios de jovens negros enquanto o número de homicídios de jovens brancos reduziu. Entre os anos de 2002 e 2012 os homicídios de jovens negros aumentaram 32,4% e o de jovens brancos diminuíram 32,3%. As estatísticas reveladas no mapa indicam que para cada jovem branco que morre assassinado no Brasil morrem 2,7 jovens negros. O estudo ainda traça um perfil específico dos jovens que são mais vitimizados sendo eles negros do sexo masculino e moradores de periferias.

A análise foi feita através de uma filtragem de palavras chaves. A primeira palavra foi "genocídio" e o resultado mostrou que apesar de aparecer com frequência nos portais da Folha de S. Paulo e do Estadão em nenhuma das ocorrências ela estava relacionada ao genocídio de jovens negros enquanto que no Portal Geledés de 12 ocorrências da palavra genocídio 10 estavam relacionadas ao genocídio de jovens negros.

A segunda filtragem foi feita com as palavras "jovem negro" e o resultado mostra apenas uma ocorrência na Folha de S. Paulo, nenhuma no Estadão e nove no Portal Geledés. A única matéria da Folha falava a respeito da morte do jovem negro Michael Brown, morto nos EUA por um policial branco. No Portal Geledés identificamos 9 publicações a respeito do jovem negro entre as quais 5 eram relacionadas a

violência policial e/ou homicídios de jovens negros no Brasil.

A segunda parte da análise identificou o perfil dos jovens negros que apareciam nas cinco matérias do Portal Geledés relacionando-os as principais vítimas do Mapa da Violência.

Conclusões

A análise midiática possibilitou uma maior compreensão do cenário brasileiro de racismo e extermínio denunciado pelo Mapa da Violência. As reflexões teóricas se reafirmam na análise pois a ausência de notícias que relatam a violência contra o jovem negro na mídia hegemônica confirmam a naturalização e o velamento da situação do negro no Brasil. Jovens negros morrem diariamente e não são notícia nos principais veículos de comunicação do país.

A análise das matérias do Portal Geledés revelou a situação do jovem negro brasileiro que está presente nas estatísticas do Mapa da Violência. O jovem negro morador da periferia aparece nas notícias do Portal que foram reunidas de outros sites (Instituto Pólis, Revista Fórum, Foca na Web e Brasil 247) e o perfil desse jovem corresponde ao perfil das 23.160 vítimas de homicídio no ano de 2012 (Mapa da Violência, 2014).

A mídia não-hegemônica priorizou e retratou a condição de ser negro no Brasil e denunciou uma realidade oculta e silenciada pela mídia tradicional. Esses dados coletados no início da pesquisa são importantes para a compreensão do cenário macro e ao interpretar criticamente essas informações jornalísticas as Relações Públicas podem planejar as ações nos cenários micros das organizações. A continuidade da pesquisa foca no Jornal da Cidade de Bauru, aproximando-se ainda mais a realidade local e pensando nas transformações possíveis do ambiente interno e externo a Universidade no que diz respeito à luta contra o racismo e a compreensão e valorização do multiculturalismo na sociedade brasileira.

Agradecimentos

Agradecimentos ao NeoCriativa – Núcleo de Estudos e Observação em Economia Criativa da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac) da Universidade Estadual Paulista (Unesp) campus de Bauru, em especial ao Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier, orientador do Núcleo e dessa pesquisa e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – Fapesp por acreditar e financiar esse projeto de pesquisa.



8º Congresso de extensão universitária da UNESP

"Diálogos da Extensão:
do saber acadêmico à prática social"

Realização:

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"

PROEX
PROJETO DE EXTENSÃO CURRICULAR

ARAÚJO, Joel Zito. **O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira**. Revista estudos femininos, Florianópolis, núm. 3, vol. 16, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/381/38114361016.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2014

ANDRADE, Manuel Correia de. **O espaço geográfico na obra de Gilberto Freyre**. In: KOSMINSKY, E. V.; LÉPINE, C.; PEIXOTO, F. A. (Org.). **Gilberto Freyre em quatro tempos**. Bauru: EDUSC, 2003. p. 223-233

BASTIDE, R.; FERNANDES, F. **Branços e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana**. 4ª ed. São Paulo: Global, 1955.

BORGES, Dain. **Como e por que a escravidão voltou a consciência nacional na década de 30**. In: KOSMINSKY, E. V.; LÉPINE, C.; PEIXOTO, F. A. (Org.). **Gilberto Freyre em quatro tempos**. Bauru: EDUSC, 2003. p. 205-222

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

COGO, Denise. **Multiculturalismo, comunicação e interculturalidade, cenários e itinerários conceituais**. In: PERUZZO, C. M. K.; PINHO, J. B. (Org.). **Comunicação e Multiculturalismo**. São Paulo: INTERCOM, Manaus: Universidade do Amazonas, 2001.

CONCEIÇÃO, Fernando. **Mídia e etnicidade: no Brasil e nos Estados Unidos**. São Paulo: Livro Pronto, 2005.

COSTA, Maria José da. (Org.). **Comunicação Pública**. Campinas: Alínea, 2004.

DAMATTA, Roberto. **O que faz do Brasil, Brasil**. 1ed. Rio de Janeiro: ROCCO, 1986.

DATAFOLHA **Revela o Brasileiro**. Folha de São Paulo, São Paulo, 25 jun. 1995. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/racismo02.pdf> Acesso em: 26 nov. 2014

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**/Florestan Fernandes; apresentação de Lilia Moritz Schwarcz. – 2. Ed. Revista – São Paulo: Global, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

KUNSCH, M. M. K.; KUNSCH, W. L. (Org.). **Relações públicas comunitárias: a comunicação em uma perspectiva dialógica e transformadora**. São Paulo: Summus, 2007.

KUNSCH, M. M. K.; PERUZZO, C. (Org.). **Transformações da comunicação: ética e técnicas**. Vitória: Fundação Ceciliano Abel de Almeida/UFES, Prefeitura Municipal de Vitória, 1995.

MAIO, Marcos Chor. **O projeto unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, núm. 41, vol. 14, out. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010269091999000300009&script=sci_arttext Acesso em: 26 nov. 2014

MORAES, Dênis de. **Comunicação, Hegemonia e Contra-hegemonia: A contribuição teórica de Gramsci**. Revista Debates, Porto Alegre, v. 4, n. 1, jan.-21jul. 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/debates/article/viewFile/12420/8298> Acesso em: 16 de abril de 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania. Relações Raciais**, 1ª edição, set. 2012. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Palestra-Kabengele-DIVERSIDADEetnicidade-Identidade-e-Cidadania.pdf> Acesso em: 26 nov. 2014

ORTIZ, Fernando. **Cuban Counterpoint: Tobacco and Sugar**. Durham and London: Duke University Press, 1995.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PERUZZO, Círcia Krohling **Relações Públicas no modo de produção capitalista** – 2. ed. – São Paulo: Summus, 1986

RAMOS, C. S.; FARIA, G. **Nosso racismo é um crime perfeito**.

Revista Fórum, São Paulo, 9 fev. 2012. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/blog/2012/02/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/> Acesso em: 20 nov. 2014

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil**. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Gisele Aparecida dos. **A invenção do “ser negro”: um percurso das idéias que naturalizam a inferioridade dos negros**. São Paulo: Educ/Fapesp ; Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

SCHNEIDER, Alberto Luiz. **O Brasil de Silvio Romero: Uma leitura da população brasileira no final do século XIX**. Projeto História, São Paulo, núm. 42, jun. 2011. Disponível em:

revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/7982/5852 Acesso em: 14 nov. 2014

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A questão racial brasileira vista por três professores**. Revista USP, São Paulo, núm. 68, dez/fev 2005-2006.

Disponível em: www.usp.br/revistausp/68/14-florestan-joao-oracy.pdf Acesso em: 26 nov. 2014

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e a questão racial no Brasil, 1870 – 1930**. São Paulo – Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras: 1987.

SIMÕES, Roberto Porto. **Informação, inteligência e utopia**.

Contribuições à teoria de Relações Públicas. São Paulo: Summus, 2006.

SIMÕES, Roberto Porto. **Relações Públicas: função política** – 3. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Summus, 1995.

SKIDMORE, Thomas E. **Raízes de Gilberto Freyre**. In: KOSMINSKY, E. V.; LÉPINE, C.; PEIXOTO, F. A. (Org.). **Gilberto Freyre em quatro tempos**. Bauru: EDUSC, 2003. p. 41-64

SODRÉ, Muniz. **Sobre imprensa negra**. Lumina, Juiz de Fora, núm. 1, vol. 1, jul./dez. 1998. Disponível em: <

https://leccufj.files.wordpress.com/2008/10/sodre-muniz_sobre-a-imprensa-negra.pdf> Acesso em: 26 nov. 2014.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Por uma nação eugênica: higiene, raça e identidade nacional no movimento eugênico brasileiro dos anos 1910 e 1920**. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2., jul./dez. 2008. Disponível em:

www.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=74> Acesso em: 10 nov. 2014

STRIEDER, Inácio. **Democracia Racial – a partir de Gilberto Freyre**. Perspectiva Filosófica, Recife, número 15, vol. VIII, jan/jun 2001.

Disponível em: https://www.ufpe.br/ppgfilosofia/images/pdf/pf15_artigo10001.pdf Acesso em: 4 nov. 2014

UNESCO. **Relatório Mundial da UNESCO: Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural**. 2012. Acesso em 26/11/14 às 17:00. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755POR.pdf>>

VELÁZQUEZ, Teresa. **Multiculturalidad, Diversidad Cultural y Comunicación**. In: PERUZZO, C. M. K.; PINHO, J. B. (Org.).

Comunicação e Multiculturalismo. São Paulo: INTERCOM, Manaus: Universidade do Amazonas, 2001.

VIEIRA, Roberto Fonseca. **Relações públicas: opção pelo cidadão**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

XAVIER, Jurez Tadeu de Paula; XAVIER, Patrícia Alves de Matos. **A invenção e a reinvenção do estereótipo dos afrodescendentes: O papel da Ciência, dos Cientistas e dos Meios de Comunicação na Formação e Articulação do Discurso da Intolerância**. In: Kunsch, M. M. K.; FISCHMANN, R. (Org.). **Mídia e Tolerância**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2002. p. 109-117